



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE ENFERMAGEM

JACKSON DIEGO FERREIRA SILVA

**O ENFERMEIRO NO EXERCÍCIO DE UMA PROFISSÃO
PREDOMINANTEMENTE FEMININA: uma revisão integrativa**

São Luís

2017

JACKSON DIEGO FERREIRA SILVA

**O ENFERMEIRO NO EXERCÍCIO DE UMA PROFISSÃO
PREDOMINANTEMENTE FEMININA: uma revisão integrativa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca de defesa do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia Teresa Frias Rios.

São Luís

2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva, Jackson Diego Ferreira.

O enfermeiro no exercício de uma profissão
predominantemente feminina : uma revisão integrativa /
Jackson Diego Ferreira Silva. - 2018.

46 f.

Orientador(a): Cláudia Teresa Frias Rios.

Monografia (Graduação) - Curso de Enfermagem,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Enfermagem. 2. Enfermeiros. 3. Identidade de
gênero. 4. Prática profissional. I. Rios, Cláudia Teresa
Frias. II. Título.

JACKSON DIEGO FERREIRA SILVA

**O ENFERMEIRO NO EXERCÍCIO DE UMA PROFISSÃO PREDOMINANTEMENTE
FEMININA: uma revisão integrativa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca de defesa do Curso de Graduação de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão.

Aprovado em: _____ de _____ de _____ Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Cláudia Teresa Frias Rios (Orientadora)

Doutora em Saúde Coletiva

Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Waldeney Costa Araújo Wadie

Mestre em Pedagogia Profissional

Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Luzinea de Maria Pastor Santos Frias

Doutora em Políticas Públicas

Universidade Federal do Maranhão

À Deus que é meu tudo e me sustenta.
À minha família, pelo amor e cuidado.
À igreja, pelo apoio e oração.

AGRADECIMENTOS

Primeiro a Deus, sem o qual nada disto seria possível. Foi meu guia e sustento em toda esta trajetória. Esteve sempre do meu lado, confortando e fortalecendo-me nos momentos que mais precisei. Pela sua graça e infinito amor!

Aos meus pais, Maria Sebastiana Ferreira e Raimundo Gonçalo Soares, pelo cuidado, sabedoria e amor. Por não terem medido esforços para que este sonho fosse realizado. Amo-os muito!

Aos meus irmãos, por acreditarem no meu potencial.

Aos meus sobrinhos, os quais me são motivo de muita alegria.

Ao meu tio, Luís Gonzaga, e à sua esposa, Maria Albertina, por me terem aberto as portas nesses anos que tanto precisei. Pelo abraço, pela receptividade, pelo conforto, pela força. Pessoas excelentes que guardarei sempre no coração.

Aos irmãos Adventistas do Sétimo Dia, grandes companheiros na batalha!

À turma 103 de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão, em especial, Denisy Ferreira, Dayanne Guterres, Ingrid Balata, Layse Jansen, Samira Rodrigues e Walana Amancio pelo companheirismo e apoio mútuos.

Aos colegas de estágio, Rômulo Batista, Ribamar Nava, Joselma Pinheiro, Jennifer Nayara e Ana Carolina Moraes, pelos momentos alegres e prazeroso estágio que proporcionaram.

À Universidade Federal do Maranhão e ao corpo docente do Departamento de Enfermagem.

À minha orientadora Prof^a Cláudia Teresa Frias Rios pela disponibilidade, apoio e orientação neste trabalho e maravilhosa etapa.

Aos membros da minha banca Prof^a Waldeney Costa Araújo Wadie e Prof.^a Luzinea de Maria Pastor Santos Frias, por estarem comigo nesta etapa, pelas correções e sugestões para o aprimoramento deste trabalho.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para que este sonho se tornasse realidade.

"Assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus planos mais altos do que os vossos planos"

Isaías 55:9

RESUMO

Ainda hoje a enfermagem é uma profissão predominantemente feminina, talvez, como reflexo da condição sociocultural que a mesma tem carregado através dos séculos. Mas o homem vem se inserindo dentro da profissão em um número que, embora pequeno, vem aumentando a cada ano. Por ser minoria em um universo predominantemente feminino, supõe-se que o mesmo tem enfrentado certas dificuldades atreladas à sua opção pela enfermagem. Este estudo tem por objetivo analisar as produções científicas disponíveis na literatura que tratam da atuação do enfermeiro em meio a uma profissão predominantemente exercida por mulheres. Foi realizada uma revisão integrativa de trabalhos publicados entre 2005 a 2017 nos bancos de dados BDEF, LILACS, SciELO e Google Acadêmico, utilizando-se os seguintes descritores: “enfermagem”, “enfermeiros”, “identidade de gênero” e “prática profissional”. Obteve-se 11 publicações, as quais foram organizadas em uma tabulação composta por título, autor, ano, periódico de publicação, resultados e conclusão. Os resultados mostraram tanto pontos positivos quanto negativos do ser enfermeiro em uma profissão predominantemente feminina. Os enfermeiros enfrentam preconceitos ligados à sexualidade e a outras situações que dificultam a sua inserção em determinadas áreas dentro da profissão. Evidenciou-se também, que, devido ao gênero masculino carregar historicamente uma certa hegemonia de poder nas relações de gênero, o mesmo também foi favorecido por estar em um contexto majoritariamente exercido por mulheres. Os enfermeiros em sua maioria se mostraram satisfeitos pela sua opção pela enfermagem. As publicações ainda são escassas relacionadas a este assunto, cuja problemática precisa ser minimizada a cada dia. Sugere-se que mais estudos sejam realizados trazendo um proveito tanto para o enfermeiro quanto para a enfermagem.

Palavras-chave: Enfermagem, Enfermeiros, Identidade de gênero, Prática profissional.

ABSTRACT

Even today nursing is a predominantly female profession, perhaps as a reflection of the sociocultural condition that it has borne throughout the centuries. But, man has been inserting himself into the profession in a number that, although small, has increased every year. Because it is a minority in a predominantly female universe, it is assumed that it has faced certain difficulties linked to its option for nursing. The objective of this study is to analyze the scientific productions available in the literature that deal with the nurses' performance in a profession predominantly exercised by women. An integrative review of papers published between 2005 and 2017 in the databases BDNF, LILACS, SciELO and Google Scholar was carried out using the following descriptors: "nursing", "nurses", "gender identity" and "professional practice". We obtained 11 publications, which were organized in a tabulation composed by title, author, year, publication period, results and conclusion. The results showed both positive and negative points of being a nurse in a predominantly female profession. Nurses face prejudices linked to sexuality and other situations that hinder their insertion in certain areas within the profession. It was also evidenced that, due to the male gender historically have a certain hegemony of power in gender relations, it was also favored by being in a context mostly exercised by women. Nurses were mostly satisfied with their choice of nursing. Publications are still scarce related to this subject, whose problems need to be minimized every day. It is suggested that more studies be carried out bringing a benefit to both the nurse and the nursing.

Key words: Nursing, Nurses, Gender identity, Professional practice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
3. OBJETIVOS	15
3.1. Objetivo Geral	15
3.2. Objetivos Específicos	15
4. METODOLOGIA	16
4.1. Tipo de Estudo	16
4.2. Definição do problema de revisão	16
4.3. A seleção da amostra	16
4.4. A coleta de dados	17
4.5. Análise dos dados	17
4.6. Aspectos éticos	18
5. RESULTADOS	19
5.1. Análise e síntese dos estudos	25
5.1.1. Quanto ao ano	25
5.1.2. Quanto ao periódico de publicação	25
5.1.3. Quanto ao objetivo.....	26
6. DISCUSSÃO	28
6.1. Dificuldades do ser enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina	28
6.2. Benefícios do ser enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina	33
6.3 Percepção do enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina	36
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	41
ANEXOS	45
ANEXO 01	46

1. INTRODUÇÃO

A enfermagem é uma prática milenar que já se fazia presente desde os tempos antigos na forma de cuidado, no qual, o conhecimento sobre saúde se passava de geração em geração sendo considerada uma prática leiga. No entanto, a partir da segunda metade do século XIX, a enfermagem veio a ser reconhecida como uma das profissões da área da saúde e, a partir de então, vem evoluindo no desenvolvimento de sua especificidade científica. O cuidado é a sua essência que com a aquisição de novos conhecimentos, habilidades e competências, trabalha objetivando o desenvolvimento do ser humano (CHAGAS; BRITO; BORGES, 2016).

Reconhecida, portanto, como a arte do cuidar e, estando o cuidado associado às mulheres, a enfermagem ainda hoje tem sido caracterizada como uma profissão tipicamente feminina. Florence Nightingale, precursora da enfermagem moderna, institucionalizou na Inglaterra Vitoriana (1862) a enfermagem como uma profissão “para as mulheres”, para a qual elas eram “naturalmente preparadas” a partir de valores que se consideravam femininos (PEREIRA, 2008).

Em sua definição consagrada da enfermagem, a própria Florence atribuiu o cuidado às mulheres, ou seja, atribuiu a enfermagem como uma profissão de mulher:

A arte da enfermagem é a mais bela das artes e, considerada como tal, requer pelo menos tão delicado aprendizado quanto a pintura ou a escultura, pois que não pode haver comparação o trabalho de quem se aplica a tela morta, ou ao mármore frio, com o de quem se consagra ao corpo vivo. O cuidar de doentes é tarefa que sempre coube à mulher e sempre lhe deve caber (HORTA, 1968).

Conforme Costa, Freitas e Hapogian (2017) e Passos (2012), quando se estuda a história da enfermagem, tal visão feminina da profissão é percebida claramente. A mulher teria as condições naturais propícias ao bom cuidado como docilidade, zelo, promoção de carinho e outras que, condicionam seu caráter e personalidade e são importantes para o desenvolvimento do indivíduo necessitado. Tais condições não são notadas com facilidade ou não combinam com boa parte dos homens. Portanto, as atividades da enfermagem se destinavam ao sexo feminino.

No entanto, ao se analisar a história detalhadamente, é observado que o cuidado foi um campo dominado também pelos homens boa parte do tempo, sendo portanto, contraditório afirmar que a profissão é tipicamente feminina ou profissão para as mulheres. Essa estreita relação entre homem e enfermagem é evidenciada por meio das guerras na Roma e Grécia antigas e a vida religiosa com os monges. Outras razões de tal estreita relação homem/enfermagem também se torna evidente pelas influências militares, pela necessidade da força física e pela separação cultural dos doentes por sexo, exigindo a atuação desse profissional para tratar doentes do mesmo sexo, costume este que na época não era apropriado para religiosas realizarem (VITORINO; HERTEL; SIMÕES, 2012).

Homens como São Francisco de Assis e São Vicente de Paula, foram alguns dos que se destacaram na profissão. São Francisco de Assis mesmo contrariando a vontade de seu pai, se dedicou a cuidar de enfermos, principalmente leprosos, mesmo com boa condição financeira e, São Vicente de Paula ao tratar caridosamente os doentes e instruir pessoas que o auxiliavam, foi um dos precursores da enfermagem moderna. Estes homens foram de grande valor para a enfermagem e melhoraram significativamente os serviços prestados (MOURA, 2012).

No Brasil, é destacável o trabalho realizado pelos padres jesuítas que tiveram boa participação no cuidado de índios doentes (MOURA, 2012). Isso mostra a importante e antiga participação masculina na prática do cuidado também no país.

A crescente redução do homem na profissão se deu durante o final do século XIX e início do século XX através do processo de feminização da profissão que teve em Florence sua grande contribuição ao referendar a mesma, a ideia de estreita relação entre enfermagem e feminilidade, bem como a crença de que as características entendidas como naturalmente femininas, não se encontravam de maneira alguma nos homens, denunciando instituições que mantivessem enfermeiros do sexo masculino em seu quadro de funcionários (SANTOS, et al. 2017).

Porém, ressalta-se que nos últimos anos tem se observado uma crescente participação masculina na profissão. Tal participação tem caminhado a passos lentos, pois, a grande maioria dos profissionais de enfermagem ainda se constitui basicamente do sexo feminino, correspondendo a 85,1% dos profissionais do Brasil,

sendo que no Maranhão essa proporção é de 87,7% (FIOCRUZ/COFEN, 2015). Essa realidade parece ser devido a algumas dificuldades que o enfermeiro pode vivenciar na sua vida profissional, como, por exemplo, o preconceito, tendo em vista a equívoca opinião de classificar os homens da área como homossexuais em razão da profissão exigir maior sensibilidade e delicadeza para lidar com os clientes (VITORINO; HERTEL; SIMÕES, 2012).

Porém, quando se leva em consideração as relações de gênero, os homens não podem ser apenas prejudicados visto que há um caráter androcêntrico nas relações de poder que organizam as posições e os lugares ocupados por homens e mulheres. Os homens passam a atuar em lugares de liderança exercendo maior poder do que as mulheres. Nesta linha de raciocínio é possível se abrir espaço à discussão não somente das dificuldades, mas, também, dos possíveis benefícios de ser homem no exercício da enfermagem (PEREIRA, 2008).

Na discussão que atravessa o espaço de homens e mulheres na enfermagem, um conceito central é o gênero, o qual é um termo construído socialmente através da compreensão que cada sociedade dá às relações de poder que se estabelecem entre homens e mulheres, aos papéis que cada um assume na sociedade. É um conceito que atravessa a barreira biológica e sexual dos indivíduos, rompe dicotomias e binarismos e perpassa as concepções e apreciações que cada sociedade pensa ou sente em um dado momento da história sobre o que vai formar o feminino ou masculino de uma pessoa (ALMEIDA et al., 2016, SOUZA et al., 2014).

Segundo Almeida et al. (2016), o termo gênero envolve um conceito muito amplo que vai além da relação homem-mulher:

O conceito de gênero sofre influências da cultura social, de papéis sexuais estabelecidos pela sociedade e firma como devem ocorrer as relações homem-mulher, homem-homem, mulher-mulher e, não, necessariamente, apenas a relação homem-mulher, como a maioria dos estudos colocam. Corroborando para uma noção que postula que o sexo social é o produto de uma construção social permanente que dá forma, no interior de todas as sociedades humanas, à organização das relações sociais entre homens e mulheres.

No que diz respeito à relação homem-mulher, os padrões vigentes hoje na sociedade, a despeito das mudanças, atribuem ao masculino a razão, a liberdade e

o controle enquanto que à mulher é atribuída uma postura mais conformista e passiva (MOURA, 2012; MUROYA; AUAD; BRÊTAS, 2011).

Na relação entre gênero e enfermagem, é notório destacar que, culturalmente, devido ao cuidado ter sido associado à mulher, a enfermagem sempre esteve ligada ao gênero feminino. O trabalho da mulher foi menos valorizado socialmente e, por conseguinte, a enfermagem e o cuidado também são pouco valorizados. (ALMEIDA et al, 2016).

Em síntese, o que se compreende é que a sociedade é quem dita o que é apropriado para homens e para mulheres. É a sociedade quem define o poder que se exerce nas relações de gênero a partir das diferenças biológicas, a partir de representações simbólicas e que muitas vezes carrega estereótipos sobre o que é apropriado para homens e para mulheres e que as instituições importantes da sociedade como a mídia, a escola, a igreja e a família, vão incorporando naturalmente e tornando conceitos normais da identidade de gênero (MUROYA; AUAD; BRÊTAS, 2011; BOTTON et al 2015).

Assim, a profissão de enfermagem foi sendo fundamentada, obedecendo a tais códigos morais estabelecidos socialmente e culturalmente, onde os homens são posicionados no mundo da liderança, publicidade, razão, liberdade e poder, enquanto que as mulheres são direcionadas para o mundo da emoção, disciplina, afetividade e submissão, isto é, o mundo privado e da reprodução (MUROYA; AUAD; BRÊTAS, 2011).

Nesse contexto, este trabalho se destina a analisar as produções científicas disponíveis na literatura que tratam da atuação do enfermeiro do sexo masculino em meio a uma profissão predominantemente feminina visando identificar as principais questões por trás dessa temática.

2. JUSTIFICATIVA

Por ser uma profissão eminentemente feminina, parece que a inserção do homem na enfermagem ainda tem enfrentado certa resistência. Essa dificuldade pode ser motivada por fatores que vão desde a própria cultura do cuidado, enraizado pela sociedade como algo destinado às mulheres e que perpassa na mente dos sujeitos do cuidado como dos próprios cuidadores conceitos e estereótipos que dificultam a presença do homem na profissão tanto no vínculo acadêmico como profissional.

Como acadêmico de enfermagem, vivenciei algumas situações desconfortantes pelo fato de ser do sexo masculino em um contexto predominantemente feminino: visões de que a enfermagem é um curso feminino, privação em certos procedimentos da área de saúde da mulher. Estes me motivaram a estudar sobre o tema, cujo conhecimento adquirido, me possibilitará uma preparação melhor para a vida profissional, diante dos possíveis embates que a mesma poderá proporcionar.

Tal revisão integrativa discutirá realidades que poderão ajudar a entender melhor o porquê do baixo percentual masculino na profissão; a encontrar soluções para possíveis conflitos existentes nessa relação: homem/enfermagem, bem como a evidenciar possíveis benefícios do ser homem na profissão.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Analisar as produções científicas disponíveis na literatura que tratam do ser enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina.

3.2. Objetivos Específicos

Investigar as principais implicações, positivas ou não, da atuação do enfermeiro do sexo masculino no exercício da profissão.

Conhecer a partir das revisões, experiências e vivências de enfermeiros em um contexto de uma profissão vista como feminina.

4. METODOLOGIA

4.1. Tipo de Estudo

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, a qual tem como objetivo, analisar as produções científicas disponíveis na literatura que tratam do ser enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina.

A revisão integrativa corresponde a um método de pesquisa que permite, a partir do resumo de vários estudos, a identificação do estado do conhecimento de um determinado assunto e das lacunas que precisam ser preenchidas com a realização de novas pesquisas, possibilitando, dessa maneira, o alcance de conclusões mais gerais a respeito de uma particular área do saber. Para que esse processo concretize-se de maneira lógica, isenta de desatinos epistemológicos, a revisão integrativa requer que os revisores procedam à análise e à síntese dos dados primários de forma sistemática e rigorosa (SOARES et al, 2014).

Para a elaboração da presente revisão, as seguintes etapas se prosseguiram: o estabelecimento do problema de revisão, a seleção da amostra, a categorização dos estudos, a análise dos resultados, apresentação e discussão dos resultados e por fim, a apresentação da revisão.

4.2. Definição do problema de revisão

O presente estudo guiou-se pelo seguinte questionamento: O que foi produzido na literatura sobre a atuação do enfermeiro do sexo masculino em meio a uma profissão predominantemente feminina?

4.3. A seleção da amostra

Foi realizada a busca das publicações indexadas nas seguintes bases de dados: Base de Dados em Enfermagem (BDENF), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e na biblioteca eletrônica *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Optou-se por estas bases de dados e biblioteca por entender que atingem a literatura publicada nos países da América Latina e

Caribe, como também referências técnico-científicas brasileiras em enfermagem e incluem periódicos conceituados da área da saúde.

Além das bases de dados e biblioteca elencadas para a revisão, utilizou-se um buscador acadêmico (Google Acadêmico).

Os critérios de inclusão foram: pesquisas que abordassem a temática em questão, publicadas em português entre 2005 a setembro de 2017, em formato de artigos, monografias, dissertações e teses. Como critérios de exclusão: trabalhos duplicados, incompletos ou que se distanciassem da temática.

Os resumos foram avaliados e, as produções que atenderam aos critérios previamente estabelecidos, foram selecionadas para este estudo e lidas na íntegra.

4.4. A coleta de dados

Foram utilizados descritores como “enfermagem”, “enfermeiros”, “identidade de gênero”, “prática profissional”, havendo o cruzamento entre os mesmos no sentido de refinar a população do estudo.

Elaborou-se um instrumento para a coleta das informações, a fim de responder a questão norteadora desta revisão, composto pelos seguintes itens: título, autores, método, periódico, ano de publicação, objetivo do estudo e principais resultados.

O período da coleta de dados foi de setembro a novembro de 2017.

4.5. Análise dos dados

Após a leitura na íntegra das pesquisas selecionadas, procedeu-se à análise e organização das temáticas, com o intuito de tornar evidente o conhecimento produzido sobre o tema proposto.

Os dados foram apresentados em quadros e posteriormente avaliados de modo sistemático, visando a sumarização e discussão por categorias dos aspectos que se sobressaíram e as considerações finais.

4.6. Aspectos éticos

Em consideração aos aspectos éticos que permeiam a pesquisa, o projeto da presente revisão integrativa foi apreciado e aprovado pelo Colegiado do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão conforme anexo (ANEXO 01).

Além disso, esta pesquisa assegurou os aspectos éticos, garantindo a autoria dos artigos pesquisados, utilizando para citações e referências dos autores as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Sendo devidamente conduzida no sentido de não plagiar trabalhos.

E por se tratar de uma revisão integrativa, é dispensável a utilização do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

5. RESULTADOS

Com a utilização dos descritores foram identificadas inicialmente 1.212 publicações, das quais, a partir dos critérios de inclusão e exclusão, restaram 63 estudos. Estes foram lidos na íntegra, sendo observado que apenas 11 publicações não se distanciavam da temática proposta, as quais, compuseram a seleção final deste trabalho.

A apresentação dos resultados foi realizada através de um quadro (Quadro 01) composto por: ano, título, autor, periódico de publicação, objetivo e conclusão. Posteriormente, realizou-se a análise e interpretação dos dados obtidos.

Quadro 01: Descrição das publicações selecionadas segundo título, autor, periódico/ano, objetivo e conclusão. São Luís – MA, 2017 (Nº 11). Continua.

Nº: I	ANO: 2005
Título: A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira	
Autor: Marta Júlia Marques Lopes, Sandra Maria Cezar Leal	
Periódico de publicação: Cadernos Pagu	
Objetivo: tecer reflexões sobre a enfermagem como campo profissional na perspectiva da divisão sexual do trabalho.	
Conclusão: Pode-se afirmar que a profissão de enfermagem se mantém feminina em todos os níveis, a despeito do aumento contingencial de homens na mesma. Sob a lógica pela qual a profissionalização se instituiu, conclui-se que se trata de uma profissão “para mulheres” e de mulheres que se protege.	
Nº: II	ANO: 2006
Título: Enfermeiros-homens: uma nova identidade em construção	
Autor: Leni Boghossiam Lanza	

Quadro 01: Descrição das publicações selecionadas segundo título, autor, periódico/ano, objetivo e conclusão. São Luís – MA, 2017 (Nº 11). Continuação.

Periódico de publicação: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	
Objetivo: Compreender quem são e quem querem ser os homens que optaram pela Enfermagem, considerando as políticas de identidade presentes ou emergentes e as possibilidades emancipatórias individual e coletiva nesse processo.	
Conclusão: A superação dos conflitos apontados pode se dar progressivamente, intersubjetivamente e objetivamente, concretizando em conquista de espaços e de poder, acompanhada pela autorreflexão para escolhas conscientes, pautando-se na busca do entendimento nas relações sociais. Considera-se essencial a discussão para além da cientificidade, competência, gênero ou poder. É necessária uma contínua e progressiva negociação permeada pela ética e pela moral, uma política de identidade voltada para enfrentamentos dos paradigmas tecnicistas, dominantes e desumanizadores, tanto para clientes quanto para os agentes de saúde desse contexto.	
Nº: III	ANO: 2008
Título: Saberes e verdades acerca da enfermagem: discursos de alunos ingressantes.	
Autor: Beatriz Sebben Ojedal, Olga Rosaria Eidt, Simone Canabarro, Valéria Lamb Corbellini, Marion Creutzberg	
Periódico de publicação: Revista Brasileira de Enfermagem	
Objetivo: Analisar regimes de verdades que perpassam a profissão Enfermagem, manifestados por alunas (os) ingressantes no Curso de Graduação, 2004/2, 2005/1 e 2005/2.	
Conclusão: Evidenciaram-se diferenças entre o masculino e o feminino, incitando a idéia de separação/ exclusão. Sendo assim, torna-se importante questionar corpos anônimos como o dos ingressantes do curso de enfermagem e dar visibilidade a outros silenciados, propiciando, assim, a constituição de outros saberes a fim de encontrar novos caminhos que possam desenhar uma nova geografia nesses territórios ainda desconhecidos ou pouco explorados.	

Quadro 01: Descrição das publicações selecionadas segundo título, autor, periódico/ano, objetivo e conclusão. São Luís – MA, 2017 (Nº 11). Continuação.

Nº: IV	ANO: 2008
Título: Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional	
Autor: Paulo Fábio Pereira	
Periódico de publicação: Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	
Objetivo: Discutir alguns atravessamentos de gênero na escolha, na formação e no exercício profissional de homens enfermeiros.	
Conclusão: Foi possível tensionar discursos que tratam a Enfermagem como uma prática naturalmente feminina, tanto quanto romper com discursos singulares que posicionam homens nessa profissão apenas como vítimas, por conta dos pressupostos de gênero que constituem as representações culturais da prática.	
Nº: V	ANO: 2010
Título: Influência do gênero do profissional na periodicidade do exame Papanicolau	
Autor: Luis Rafael Leite Sampaio, Maria Albertina Rocha Diógenes, Roberta Jeane Bezerra Jorge, Francisco Antonio da Cruz Mendonça, Lucijane Leite Sampaio	
Periódico de publicação: Revista Brasileira de Promoção da Saúde	
Objetivo: Tecer significados para os motivos individuais e subjetivos apontados pelos sujeitos da pesquisa sobre a influência do gênero masculino na realização periódica do exame Papanicolau.	
Conclusão: As usuárias informaram ser a presença do profissional do gênero masculino uma forte influência para irregularidade na periodicidade do exame de Papanicolau nesta unidade de saúde. Ainda que em menor extensão, a experiência prévia negativa com este exame e não a questão de gênero profissional tem sido apontada como motivo para a não realização periódica da citologia oncológica.	

Quadro 01: Descrição das publicações selecionadas segundo título, autor, periódico/ano, objetivo e conclusão. São Luís – MA, 2017 (Nº 11). Continuação.

Nº: VI	ANO: 2012
Título: Percepção de moradores de uma cidade de Minas Gerais sobre o profissional de enfermagem do gênero masculino	
Autor: Diego Fernando Paiva Vitorino, Valdinéa Luiz Hertel, Ivandira Anselmo Ribeiro Simões	
Periódico de publicação: Revista Mineira de Enfermagem	
Objetivo: Conhecer a percepção dos moradores, representantes dos diversos segmentos da cidade de Itajubá-MG, sobre o profissional de enfermagem do gênero masculino; identificar a percepção deles em relação à visão da comunidade itajubense sobre esse profissional; e conhecer a experiência, entre as percepções e sentimentos deles, ao serem cuidados por esse profissional.	
Conclusão: As percepções, visões e experiências de moradores para com esse profissional foram diversificadas e permeadas pelas relações de diferenças entre gêneros, preconceito e conquista de espaço na enfermagem. Os dados refletem a importância de discutir sobre o tema pela sociedade e pelos profissionais de enfermagem.	
Nº: VII	ANO: 2012
Título: Ser enfermeiro/ técnico de enfermagem num contexto de uma profissão predominantemente feminina	
Autor: Annyelle Franco Moura	
Periódico de publicação: Biblioteca da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz	
Objetivo: Conhecer os significados de ser enfermeiro ou técnico de enfermagem num contexto de uma profissão predominantemente feminina, para os enfermeiros e técnicos de enfermagem da cidade de Itajubá – MG.	

Quadro 01: Descrição das publicações selecionadas segundo título, autor, periódico/ano, objetivo e conclusão. São Luís – MA, 2017 (Nº 11). Continuação.

<p>Conclusão: Percebeu-se, então, que as idéias centrais das entrevistas respondem aos significados de ser enfermeiro/ técnico de enfermagem num contexto de uma profissão predominantemente feminina que são: “desenvolvimento profissional”, “necessário”, “ter privilégio”, “fazer a diferença”, “um desafio”, “restrição”, “ter maior visibilidade”, “maior cobrança”, “conviver com a desunião feminina”, entre outros, sendo possível identificar que a idéia de gênero, na medida em que as relações sociais se modificam, pode ser revista e modificada.</p>	
Nº: VIII	ANO: 2014
<p>Título: Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes</p>	
<p>Autor: Leonardo Lemos de Souza, Derly Borges Araújo, Daiara Souza Silva, Valeria Cristina Menezes Bêredo</p>	
<p>Periódico de publicação: Ciências e Cognição</p>	
<p>Objetivo: Investigar as representações de estudantes de enfermagem sobre o trabalho da (o) enfermeira (o) numa perspectiva de gênero, durante o processo de formação.</p>	
<p>Conclusão: Os dados apontam para a necessidade dos cursos de formação empreenderem uma problematização sobre as relações de gênero no contexto das práticas de enfermagem, dado que elas parecem reforçar estereótipos negligenciando uma ação profissional democrática e igualitária no campo profissional.</p>	
Nº: IX	ANO: 2016
<p>Título: O ser masculino em sofrimento psíquico no curso de enfermagem</p>	
<p>Autor: Luiz Felipe Sales Maurício, João Fernando Marcolan</p>	
<p>Periódico de publicação: Revista de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco</p>	
<p>Objetivo: Verificar presença de sofrimento psíquico em estudantes do sexo masculino da graduação em Enfermagem relacionado ao gênero e analisar fatores determinantes e atitudes de enfrentamento do sofrimento psíquico.</p>	

Quadro 01: Descrição das publicações selecionadas segundo título, autor, periódico/ano, objetivo e conclusão. São Luís – MA, 2017 (Nº 11). Continuação.

Conclusão: Alunos apresentam sofrimento psíquico por serem homens no curso de Enfermagem, estereótipos e preconceitos foram os principais determinantes; a atuação de modo crítico e pró-ativo foram as atitudes de enfrentamento.	
Nº: X	ANO: 2016
Título: Homens na enfermagem: inserção, vivência e trajetória profissional	
Autor: Kleber Souza de Costa	
Periódico de publicação: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo	
Objetivo: Identificar os homens egressos da Escola de Enfermagem da USP, desde sua fundação, descrever, analisar e discutir suas vivências, estratégias de lutas, resistência e inserção na graduação e no trabalho.	
Conclusão: Este estudo possibilitou uma melhor compreensão sobre perfil dos homens na Enfermagem brasileira, principalmente em São Paulo, revelando uma grande desproporcionalidade na questão do gênero na Enfermagem, e destacando a trajetória de uma população pouco estudada, à margem dos holofotes da profissão.	
Nº: XI	ANO: 2017
Título: Percepções de um acadêmico de enfermagem no exame citopatológico do colo do útero	
Autor: Hallyson Leno Lucas da Silva	
Periódico de publicação: Revista Eletrônica Estácio Saúde	
Objetivo: Descrever as percepções de um Acadêmico de Enfermagem, do sexo masculino, durante o exame e coleta do citopatológico do colo de útero.	

Quadro 01: Descrição das publicações selecionadas segundo título, autor, periódico/ano, objetivo e conclusão. São Luís – MA, 2017 (Nº 11).

Conclusão: Chamou bastante atenção do Acadêmico de Enfermagem o exame e coleta do citopatológico, o preconceito de muitas mulheres que iriam ser atendidas na presença de um acadêmico de enfermagem do sexo masculino. É necessário um trabalho sociocultural, voltado para as atividades educativas com enfoque individual e coletivo, a fim de minimizar estas barreiras na comunidade, além, é claro, do trabalho multidisciplinar entre a equipe de saúde, para favorecer a mudança deste conceito.

5.1. Análise e síntese dos estudos

5.1.1. Quanto ao ano

Não foram encontradas publicações nos anos de 2007, 2009, 2011, 2013 e 2015, o que significa que há uma carência de estudos relacionados a esta temática.

Nos demais anos foram encontrados:

- 01 estudo em 2005;
- 01 estudo em 2006;
- 02 estudos em 2008;
- 01 estudo em 2010;
- 02 estudos em 2012;
- 01 estudo em 2014;
- 02 estudos em 2016;
- 01 estudo no 1º semestre de 2017.

5.1.2. Quanto ao periódico de publicação, quatro dos estudos encontrados foram publicados em periódicos de enfermagem como demonstrado no Quadro 02.

Quadro 02: Periódicos de publicação dos estudos selecionados

PERÍODICO DE PUBLICAÇÃO	ESTUDO
Cadernos Pagu	I
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	II
Revista Brasileira de Enfermagem	III
Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	IV
Revista Brasileira de Promoção da Saúde	V
Revista Mineira de Enfermagem	VI
Biblioteca da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz	VII
Ciências e Cognição	VIII
Revista de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco	IX
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo	X
Revista Eletrônica Estácio Saúde	XI

5.1.3. Quanto ao objetivo, todos os estudos remeteram a pesquisas qualitativas, o que demonstrou a necessidade desta temática ser trabalhada na perspectiva da subjetividade.

- Tecer reflexões sobre a enfermagem como campo profissional na perspectiva da divisão sexual do trabalho.
- Descrito no estudo: I
- Conhecer a percepção da comunidade/usuário sobre a atuação do enfermeiro do sexo masculino.
- Descrito nos estudos: V e VI
- Conhecer a percepção do estudante de enfermagem sobre a atuação do enfermeiro do sexo masculino.

- Descrito nos estudos: III, VIII, IX e XI
- Conhecer a percepção do enfermeiro sobre a atuação do enfermeiro do sexo masculino.
- Descrito nos estudos: II, IV, VII e X

6. DISCUSSÃO

A partir da leitura criteriosa e organização dos dados fornecidos pelos artigos triados, obteve-se as seguintes categorias de análise: “Dificuldades do ser enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina”, “Benefícios do ser enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina” e “Percepção do enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina”.

6.1. Dificuldades do ser enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina (estudos – I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI).

Foi observado que todos os estudos em algum momento apontaram certa dificuldade que o homem e, por conseguinte, o enfermeiro enfrenta no exercício da enfermagem. Isto demonstra a plausibilidade de tal problema em diferentes contextos como apontado pelos estudos.

Por ser prática do cuidado, a sociedade ainda vê a enfermagem como uma profissão que tem apenas um sexo – o feminino. Hegemonicamente é exercida por mulheres e, com isto, carrega situações e símbolos que a tornam desconfortante e, porque não dizer, desvalorizante para a imagem social masculina (LOPES; LEAL, 2005).

Para Lanza (2006), pelo fato da sociedade ainda carregar fortemente a cultura patriarcal na qual o homem mantém o poder primário e a autoridade moral, quando este exerce uma profissão em sua ampla maioria exercida por mulheres, se torna alvo de preconceitos, sendo que estes partem de todos: das instituições, dos profissionais médicos e das próprias enfermeiras.

A enfermagem carrega certas condições de gênero impostas pela sociedade e pela cultura como, bondade, amor, delicadeza, emoção e abnegação, as quais, não se relacionam muito com profissões ditas masculinas. Desse modo, os homens que nela se inserem, se tornam alvos de descréditos, preconceitos de várias naturezas e desconfiança (PEREIRA, 2008).

Para Maurício e Marcolan (2016), o preconceito por ser homem na enfermagem é justificado através da história da profissão pelo fato da mesma ser exercida majoritariamente por mulheres determinada a dominação simbólica da mulher, sendo que essa dominação produz segregação sexual do ser masculino sustentada pela sociedade a gerar e determinar os preconceitos discorridos neste estudo acerca da presença do homem na mesma.

Em seu estudo, Vitorino, Hertel e Simões (2012), apontam que quando atuante em profissões vistas como feminina, o homem pode ser alvo de preconceitos, pois, passa a ser visto como um homem cuja masculinidade não foi estabelecida completamente e não conseguiu desempenhar-se socialmente de modo esperado.

Souza et al. (2014) em um estudo com estudantes, afirmam que embora o homem tenha conquistado espaço dentro da enfermagem, ainda há resistência à presença dos mesmos em alguns tipos de práticas realizadas por tais profissionais, devido à visível e clara divisão sexista ainda presente dentro da profissão.

Portanto, homens e mulheres ainda vêem a enfermagem como uma atividade não tão apropriada à natureza masculina e, devido a isso, a presença do homem na mesma se torna “desconcertante” (OJEDA, et al., 2008).

Dentre as formas de preconceito que o ser masculino enfrenta ao optar pela enfermagem, está em associar o enfermeiro à homossexualidade, pois, como afirmam Lopes e Leal (2005), ao exercer as práticas do cuidado, socialmente o homem não é homem ou é desvalorizado.

No estudo de Costa (2016) essa visão se reforça entre outros aspectos, pela maneira como os filmes retratam o enfermeiro, isto é, com estereótipos afeminados e homossexuais em sua maioria e, um dos participantes do mesmo estudo, afirmou que um grande preconceito que existia na sua época (décadas de 1950 a 1990), era em relação a ser caracterizado como homossexual por estar exercendo a enfermagem.

Pereira (2008) pensa que a enfermagem como prática social, ameaça a identidade do gênero masculino em algumas situações, ou seja, o homem exercendo a prática, deixa sua masculinidade em suspenso, sendo que a sociedade impõe a heterossexualidade como a sexualidade masculina normal e, quando se

constroi uma identidade de gênero que se contrapõe a tal norma constitutiva do sujeito, origina-se certos conflitos com as normas hegemônicas do gênero social.

Na percepção de estudantes, esse preconceito também é levado em conta pela sociedade, ou seja, a generalização de que são homossexuais os enfermeiros. A literatura também revela esse estereótipo, ao descrever que o rótulo de homossexual é um fator que o homem enfermeiro tem de enfrentar (MAURÍCIO; MARCOLAN, 2016; OJEDA et al., 2008).

No estudo de Vitorino, Hertel e Simões (2012) é relatado que a população ainda tem preconceitos, sendo que expressões inapropriadas e indecorosas atribuídas aos homens da enfermagem ainda emergem da mesma colocando em suspenso e em dúvida a masculinidade dos enfermeiros. Tais homens se desviam dos valores e padrões de gênero difundidos socialmente e com isso o homossexualismo se torna uma questão presente atribuída a eles.

As dificuldades na enfermagem se iniciam desde o momento da escolha da profissão, pois, persiste a resistência na aceitação da escolha profissional por parte de familiares e amigos (LOPES; LEAL, 2005).

No estudo de Costa (2016), muitos familiares questionavam o motivo dos homens terem optado pela enfermagem, que no contexto social da época, décadas de 1950 a 1990, era muito subalterna e extremamente feminina. Se tinham capacidade de passar no vestibular, questionavam porque não optaram por realizar a medicina. Os pais chegavam a omitir a opção dos filhos em certos encontros, o que gerava um grande descontentamento nos mesmos.

No estudo de Maurício e Marcolan (2016), houve o olhar diferente de membros familiares e desaprovação de pais por se tratar de profissão majoritariamente feminina. Opinavam de que tais filhos deveriam ter estudado mais para passar em medicina.

Os estudos também apontaram que a resistência em aceitar a presença do enfermeiro e demais homens da enfermagem em certas práticas do cuidado como áreas de ginecologia, obstetrícia e pediatria, é outra dificuldade encontrada.

Os homens por serem reconhecidos como fortes, insensíveis, brutos e desajeitados, são afastados dessas áreas e, as mulheres, por sua vez, detentoras das características como sensibilidade, docilidade, delicadeza, paciência, amor e

carinho, são encaminhadas para tais áreas como pediatria e maternidade (PEREIRA, 2008).

Na pediatria, Lopes e Leal (2005), afirmam que desde a formação, estudantes são criticados por docentes de que não possuem a habilidade técnica segurança e carinho necessários para lidar com recém nascidos e prematuros.

Conforme o depoimento de docentes enfermeiras, o homem foi motivo de desconforto, sendo frequentemente deslocado para práticas e procedimentos que não permitiam o contato direto com as parturientes. Era mais direcionado para o período pós parto com a justificativa de se evitar o constrangimento das clientes. Tal pressuposto demonstra como a formação acadêmica favorece a política de identidade voltada para visões dicotômicas de gênero no trabalho (LANZA, 2006).

Vê-se que é um processo iniciado desde a faculdade. Enquanto alguns alunos conseguiam fazer as matérias teóricas, durante os estágios eram desviados para os campos de urologia, administração, psiquiatria e saúde pública pelas próprias docentes. Hospitais alegavam que as pacientes não aceitavam ser assistidas por estudantes masculinos e que a prática da enfermagem obstétrica não era necessária para homens (COSTA, 2016).

No estudo de Maurício e Marcolan (2016), os acadêmicos afirmaram que o fato de ser homem na disciplina de Saúde da Mulher foi o principal tipo de preconceito de gênero, sendo exemplificados como incompetentes durante o estágio de ginecologia. Foram proibidos pelas professoras de realizarem o exame ginecológico e de formarem grupos de estágio compostos somente por homens. Contaram também que houve recusa da paciente em realizar o exame ginecológico e, julgamento preconceituoso relacionado à higiene íntima das pacientes entre outros.

Para Silva (2017), chamou bastante atenção em seu estudo, o preconceito exposto pelas mulheres que iriam ser atendidas por um acadêmico de enfermagem do sexo masculino durante o exame colpocitológico. As mulheres já rejeitavam a presença do acadêmico desde a marcação das consultas de enfermagem, antes mesmo da coleta do exame e, solicitavam ser atendidas somente pela enfermeira.

No estudo de Sampaio et al. (2010) as mulheres ficavam retraídas e envergonhadas quando o examinador era um homem (enfermeiro) e, isto dificultava a continuidade da assistência, resultando em barreira de modo que as mesmas só

procuravam a assistência quando sentiam alguma coisa, preferindo ficar sem realizar o exame e colocando em risco sua saúde (SAMPAIO et al. 2010).

Portanto, alguns procedimentos nos quais há a exposição do corpo da mulher, sejam por questões culturais e de pudores ou por questão de maior afinidade, a presença da enfermeira é mais requisitada, delimitando as práticas realizadas pelo profissional do sexo masculino (SOUZA et al., 2014).

Os estudos ainda apontaram outras dificuldades que, embora raras, se mostraram presentes no convívio social dos homens na enfermagem, seja no âmbito acadêmico como no profissional.

No âmbito acadêmico, o estudo de Costa (2016), descreveu que o manejo com alunos homens não acontecia com facilidade para muitas professoras, principalmente para aquelas com maior tempo de formação. Para elas, pela escassez de homens enfermeiros, a atuação dos mesmos era uma experiência nova e, algumas vezes eram tidos como “intrusos” por estarem em uma área “exclusivamente” para mulheres. Havia um incômodo nos estágios e em sala de aula pelo uso da barba (COSTA, 2016).

Exemplificou-se o incômodo e, portanto, preconceito, quando as professoras, ao se direcionarem para o grupo de estudantes, usarem expressões como, “as meninas”, “as futuras enfermeiras”, sem levar em consideração a presença dos homens no grupo de estudantes (MAURÍCIO; MARCOLAN, 2016).

Já no âmbito profissional, com relação à equipe de enfermagem, enfermeiros relataram que havia uma certa dificuldade da parte das enfermeiras em aceitá-los como enfermeiros graduados pela própria falta destes. Relataram dificuldade em conquistar espaço e demonstrar competência até nos cargos de liderança pelo fato da profissão ser eminentemente exercida e liderada pelas mulheres (COSTA, 2016; MOURA, 2012).

Os relatos levantados por Ojeda et al. (2008) apresentam claramente, ideias referentes ao sexo masculino na visão das enfermeiras como “alguém que faça força” ligando o sexo masculino a papéis relacionados mais à força do que ao cuidado, tendo-o como uma ferramenta, não se valorizando a competência e o conhecimento.

Sobre o convívio com os médicos mais antigos, havia geralmente aquele distanciamento por parte de tais médicos no que tange à discussão clínica, o

cuidado integrado do paciente e a dificuldade em aceitar as regras institucionais. O fato de lidar com enfermeiros homens causava um pouco de estranhamento para os mesmos, uma vez que não estavam acostumados a lidar com posições contrárias (COSTA, 2016).

Pelo fato do enfermeiro se posicionar com uma idéia contrária, ou mesmo de não acatar todas as vontades médicas, enfrentava alguns atritos (COSTA, 2016).

6.2. Benefícios do ser enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina (estudos – I, II, III, IV, VII, VIII, X).

O enfermeiro não enfrenta só dificuldades pelo fato de ser do sexo masculino e exercer a enfermagem. Foi observado nos estudos triados a existência de condições que são favoráveis à presença do homem na profissão.

As práticas de saúde formais ou informais apresentam um caráter sexuado resultando em uma hierarquização onde o poder masculino é confortado, não só nas práticas médicas, mas, nas demais áreas da saúde como na enfermagem (LOPES; LEAL, 2005).

Conforme Pereira (2008), argumentos naturalizantes sobre as relações de poder que se estabelecem entre os sexos, produzem o homem como mais inteligente e racional e que seu ingresso trouxe mais prestígio à profissão. Mesmo a enfermagem sendo uma profissão de predominância feminina, a norma androcêntrica cria lugares de pertencimento reproduzindo relações de poder entre os gêneros onde o masculino é privilegiado em muitas situações.

Há uma posição que defende o ingresso do homem na enfermagem como favorável ao reconhecimento e valorização profissional, devido ao comportamento masculino que age com criatividade, objetividade e empreendedorismo e isto poderia trazer ganhos e vitórias inequívocas à profissão (MOURA, 2012).

Enquanto da mulher se espera o desenvolvimento de sentimentos e condições do tipo maternais, do homem se espera liderança e prestígio nas relações profissionais. Tal expectativa que se tem do gênero masculino, faz com que a presença do mesmo na enfermagem transpareça estar ajudando a compor uma imagem de maior respeito e confiança para a área (PEREIRA, 2008).

Pereira (2008) comenta que os enfermeiros são mais independentes e autônomos no trabalho em relação às enfermeiras e, com isso, se aproximam mais do saber médico e de conhecimentos tecnicocientíficos. Com isso, os tais, constroem lugares de atuação que culturalmente os posicionam de maneira diferenciada a partir das relações de poder. São ensinados e cobrados a serem práticos, racionais, duros e objetivos, enquanto que das mulheres, o que se exige é a calma, abnegação, afetividade e emotividade enquanto sujeitos de gênero.

Souza et al. (2014) afirmam que há uma certa preocupação com a inserção do homem dentro da enfermagem, pois este, quando inserido em um meio que é dominado pelo sexo feminino, devido à sua característica de líder de acordo com a cultura patriarcal, passa a exercer essa liderança e desempenha papel dominante em um espaço tido antes como feminino. Por outro lado, a mulher quando se insere em uma profissão masculina, assume uma posição de subjugada no que tange à dominação, não oferecendo risco.

Os enfermeiros chegam a assumir posições de comando e chefia em maior rapidez mesmo com igual período de formação comparado às enfermeiras (MOURA, 2012).

No estudo de Lanza (2006), os relatos mostraram que devido às características de gênero construídas historicamente e apresentadas nas relações do mundo do trabalho, o homem tem se destacado na realidade profissional da enfermagem, como por exemplo, em situações que exigem comando e força física.

Devido à força física, qualidade natural masculina, a praticidade se torna um atributo importantíssimo que fortalece a condição dos enfermeiros, dando-lhes a garantia e a exclusividade para o exercício de determinadas funções (MOURA, 2012).

Segundo Lanza (2006), a presença de mais homens na enfermagem, pode ser alternativa de resposta aos desafios que enfrentam, pois, os mesmos estariam sendo mais bem aceitos na área de tomada de decisão, gerência e administração hospitalar, de maior desgaste físico, de embate psíquico e emocional, que são papéis típicos da modernidade (LANZA, 2006).

Na concepção de representantes de instituições em saúde, pela valorização da aproximação com o mundo masculino que caracteriza a atividade médica, detentora do poder, os enfermeiros passam a ser reconhecidos dentre seus pares,

estão mais qualificados para funções de mando, são mais respeitados nos espaços hospitalares e apresentam uma possível vantagem na moralização dos plantões. Com isso se tornam a preferência de tais administradores, o que demonstra que diante das qualificações profissionais, as qualidades individuais construídas socialmente, garantem sua permanência no mundo trabalhista (LANZA, 2006).

Pereira (2008) relata que acadêmicos masculinos em muitos casos, foram tratados de forma diferenciada pelas professoras por serem homens e foram escolhidos para serem líderes de turma com mais facilidade.

No estudo de Costa (2016), segundo alguns egressos, o fato de ser homem em meio a tantas mulheres, deixava alguns com papel de destaque, mesmo os mais tímidos, sendo difícil passar despercebido em sala de aula. Sua presença em sala era vista com satisfação pelas professoras mais novas e tinham certa facilidade para ingressar no mercado de trabalho.

Na relação com os médicos do sexo masculino, havia uma espécie de solidariedade de gênero entre os poucos enfermeiros, cuja visibilidade e competência se via fortalecida pelo fato de serem minoria (LOPES; LEAL, 2005).

É relatado ainda, de acordo com os participantes do estudo de Costa (2016), que os médicos respeitavam mais quando eram enfermeiros do sexo masculino e que esse respeito e convivência mais pacífica se davam principalmente com os médicos mais jovens de profissão. Com os médicos mais antigos, ocorriam certos atritos, porém, pelo fato do enfermeiro se impor, se recusar a realizar atividades que não concordava, não tolerando desrespeito e agressão verbal em muitos casos, o que se via era um respeito mútuo, uma vez que se pela via da imposição não funcionava, a melhor maneira era o diálogo, algo que dificilmente acontecia com as enfermeiras.

No estudo de Ojeda et al. (2008), os relatos demonstraram que houve um maior respeito tanto dos médicos quanto dos técnicos para com o enfermeiro (homem) e que, no setor cirúrgico, quando o instrumentador era homem, o médico apresentava um comportamento bem diferenciado, mudando o tom e o jeito de falar por não poder exercer seu poder.

Portanto, a presença masculina impôs respeito tanto por parte do paciente, como dos pares e dos profissionais médicos.

6.3 Percepção do enfermeiro no exercício de uma profissão predominantemente feminina (estudos – II, IV, VII, X).

No estudo de Lanza (2006), os enfermeiros afirmaram que ao terem mudado seu projeto de vida pela enfermagem, foi um desafio devido ao preconceito que reconheceram dentro da profissão por ser esta tradicionalmente uma prática de mulheres. Tal preconceito proveio de dirigentes das instituições de saúde, de médicos e das próprias enfermeiras.

Esses homens, apesar dos estigmas e brincadeiras com a sexualidade que vivenciaram, assumiram a profissão de forma autêntica, sem interiorização dos valores e crenças sociais vigentes. Embora reconhecendo os preconceitos, não os projetam para os demais colegas (LANZA, 2006).

Escolheram a enfermagem em sua maioria por influencia de parentes que já exerciam a profissão e por vontade própria ao reconhecerem a área como uma alternativa viável de trabalho (LANZA, 2006).

O desemprego vigente na indústria da época provocado pela informatização, mecanização e perfil de um novo profissional voltado às múltiplas atividades, forçou a sua opção pela enfermagem (LANZA, 2006).

A maioria estava satisfeita com a profissão e almejava subir na carreira fazendo pós graduações com clara direção à docência. Houve apenas um profissional que manifestou preferência pelo curso de medicina, representando portanto, uma parcela daqueles que encontram na enfermagem uma compensação, mas ainda sonham em se tornarem médicos (LANZA, 2006).

Mostraram um interesse intenso pela elevação do status pessoal e profissional além de preocupados com os rumos da enfermagem, acreditando que com sua inserção a mesma seria mais valorizada (LANZA, 2006).

Essa expectativa de reconhecimento social fez com que agissem de modo estratégico, com controle, atitude e disciplina, de modo a influenciar dirigentes das instituições de saúde, médicos e enfermeiras (LANZA, 2006).

Houve um enfermeiro que demonstrou profunda preocupação e envolvimento com as questões coletivas e da própria profissão no contexto social e político se posicionando de maneira incansável contra a desvalorização da enfermagem,

reconhecida por ser um trabalho predominantemente feminino, sem status social e de conhecimento empírico em relação à medicina (LANZA, 2006).

Não negaram que se sentiam um pouco desconfortados na função de mando junto ao grupo predominantemente feminino da equipe de enfermagem, onde as mesmas resistiam diante de homens em igualdade de posição e processo de cuidar (LANZA, 2006).

No estudo de Costa (2016), a profissão se tornou atraente para os enfermeiros por apresentar uma variedade de trabalhos permitindo uma transição entre as especialidades assistenciais, acadêmicas e da indústria e possibilitando uma progressão profissional.

Para tentar fugir do aspecto de visão feminista que a profissão tem carregado historicamente, alguns enfermeiros procuram áreas de trabalho com aspecto mais masculino como pronto socorro, UTI, psiquiatria e centro cirúrgico (COSTA, 2016)

Para alguns, o fato de ser homem na enfermagem, facilitou o ingresso no mercado de trabalho, sendo a escassez dos mesmos uma condição favorável. Referiram certa barreira em conquistar espaços de liderança e demonstrar competência, pela dificuldade das enfermeiras em aceitá-los como enfermeiros graduados (COSTA, 2016).

Não se sujeitavam ao estereótipo de profissão feminina e subordinada ao médico, sendo firmes, se recusando a realizar atividades que não concordavam não tolerando desrespeitos e agressões apesar de enfrentarem certos atritos (LANZA, 2016).

No estudo de Costa (2016), um dos enfermeiros, devido aos embates que teve dentro da profissão, não conseguindo lidar com certos conflitos e competições e, pela hierarquia feminina na sua percepção, resolveu sair da enfermagem e procurou outra área.

No estudo de Pereira (2008), os enfermeiros relataram um tratamento diferenciado nas unidades onde trabalhavam. Por serem os únicos homens em meio a tantas mulheres, sejam elas enfermeiras ou médicas, conseguiam exercer a liderança, sendo tratados com mais autoridade e tomando a decisão por todos da unidade.

Já no estudo de Moura (2012), foram variadas as percepções, tanto positivas quanto negativas de se estar em um contexto feminino. Os enfermeiros em sua

maioria acharam normal atuar na enfermagem. Outros se sentiram satisfeitos, orgulhosos e privilegiados. Alguns, em sua minoria, foram negativos em relação a esse contexto, se sentindo restringidos, cobrados e, na sua concepção, tendo que conviver com a desunião feminina.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a enfermagem é uma profissão de predominância exercida por mulheres como um reflexo dos valores socioculturais e históricos que a profissão tem carregado com o passar do tempo. É uma prática que tem como centralidade o cuidado, sendo que este socialmente está muito associado ao sexo feminino.

A arte do cuidado do ser humano, no entanto, nem sempre foi exercida em sua maioria por mulheres, porém, a enfermagem se direcionou para esse lado, até ao ponto de em determinada época ser socialmente identificada como uma profissão de mulher, cuja visão ainda influencia as tomadas de decisões relacionadas à área.

Portanto, ao ingressar na enfermagem, o homem enfrenta certas dificuldades que problematizam a sua atuação no exercício da profissão. Dificuldades estas, relacionadas a visões estereotipadas de gênero que se tem nas relações profissionais.

Por ser uma profissão majoritariamente feminina, os homens que adentram na mesma são alvos de variados preconceitos, sendo um destes, associar o enfermeiro ao homossexualismo, visto que o padrão que se exige do sexo masculino é a valorização profissional com o desenvolvimento das faculdades intelectuais, exercício da liderança e aprimoramento do porte duro e autoritário. Portanto, ao se dedicar ao cuidar, é tido como fraco e de masculinidade não desenvolvida.

Outras barreiras são os entraves ainda presentes nas áreas voltadas para a saúde da mulher como ginecologia e obstetrícia.

Este estudo evidenciou que os enfermeiros não são apenas prejudicados quanto ao exercício profissional. Relatos mostraram que nas relações de poder que se estabelecem entre os gêneros, tem-se uma concepção historicocultural que preserva o androcentrismo nas relações, fazendo com que o enfermeiro em muitas situações seja privilegiado em relação à enfermeira. Muitas vezes, são mais respeitados, com maiores chances de desenvolver a liderança e conseguem uma ascensão profissional em menos tempo.

Partindo dessa visão dicotômica, infere-se em discutir sobre a percepção/sensação que o próprio enfermeiro tem sobre a sua atuação no contexto de uma profissão predominantemente feminina.

Os mesmos apontaram variadas percepções/sensações que foram tanto positivas quanto negativas.

Em sua maioria, embora reconhecendo os preconceitos, os enfermeiros estavam satisfeitos com a sua escolha profissional, almejando crescimento e realização profissional e social dentro da enfermagem. Engajavam-se por lutar pela profissão e em derrubar a “política” de desvalorização que a mesma carrega, inclusive de subordinação à hegemonia médica.

Hoje, percebe-se que esses contrapontos estão sendo cada vez mais minimizados e que o profissional de enfermagem do sexo masculino não enfrenta mais tantos preconceitos como antigamente. O número de enfermeiros homens tem aumentado constantemente.

Este trabalho foi positivo em trazer à discussão a temática sobre o enfermeiro do sexo masculino, porém, se mostrou limitado devido ao número pequeno de publicações encontradas sobre o assunto.

Sugere-se que mais estudos sejam realizados sobre o tema, visando a minimização das tensões ainda presentes dentro da enfermagem, em especial nas relações de gênero. Isto será proveitoso não só para o enfermeiro do sexo masculino, mas, para toda uma categoria, sabendo-se que, como a arte do cuidar, a enfermagem é indispensável e deve ser reconhecida como uma profissão de saber técnico e científico da modernidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. et al. Estereótipos sexistas na enfermagem portuguesa: Um estudo histórico no período de 1935 a 1974. **Escola Anna Nery** 20(2) Abr-Jun 2016. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n2/1414-8145-ean-20-02-0228.pdf>> Acesso em: 22 set. 2017.

BOTTON, A. et al. Os Papéis Parentais nas Famílias: Analisando Aspectos Transgeracionais e de Gênero. **Pensando Famílias**, 19(2), dez. 2015, (43-56). Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v19n2/v19n2a05.pdf>> Acesso em 06 nov. 2017.

CHAGAS, S, N, F.; BRITO, R, S.; BORGES, A, M, M. Percepção dos estudantes de graduação em enfermagem sobre o trabalho do enfermeiro. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro** 2016 set/dez; 6(3):2421-2429 DOI: 10.19175/recom.v6i3.1118. Disponível em <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/1118/1174>> Acesso em: 26 out. 2017.

COSTA, K. S. **Homens na enfermagem**: inserção vivência e trajetória profissional. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. 196 p. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7140/tde-19052017-105839/pt-br.php>> Acesso em 05 out. 2017.

COSTA, K. S.; FREITAS, G. F.; HAGOPIAN, E. M. Homens na enfermagem: formação acadêmica posterior à graduação e trajetória profissional. **Revista de Enfermagem da UFPE** online., Recife, 11(3):1216-26, mar., 2017. Disponível em <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/10032/pdf_2613> Acesso em: 22 set. 2017.

DIAS, J. A. A.; DAVID, H. M. S. L.; VARGENS, O. M. C. Ciência, enfermagem e pensamento crítico – reflexões epistemológicas. **Revista de Enfermagem da UFPE** on line., Recife, 10 (Supl. 4):3669-75, set., 2016. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11142/12645>> Acesso em: 28 set. 2017.

FIOCRUZ/COFEN – **Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil**, 2015. Disponível em <<http://www.corenma.gov.br/2015/wp-content/uploads/2015/07/APRESENTACAO-MARANH%C3%83O-final.pdf>> Acesso em: 21 mar. 2017.

FREITAS, G. F. F. et al. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo: vestígios da história da profissionalização da Enfermagem no Brasil. **Cultura de los Cuidados**, 3º Cuatrimestre 2016 • Año XX - N.º 46. Disponível em <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/61753/1/CultCuid_46_07.pdf> Acesso em: 28 set. 2017.

HORTA, W. A. Conceito de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 2 (2), set. 1968. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/download/141168/136244>> Acesso em 24 abr. 2017.

JESUS, E. S. et al. Preconceito na enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP** 2010; 44(1):166-73 Disponível em <[www.ee.usp.br/reeusp/Disponível em http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a24v44n1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a24v44n1.pdf)> Acesso em: 14 fev. 2017.

LANZA. L. B. **Enfermeiros homens**: uma nova identidade em construção. Dissertação (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, s.n., 2006. 184 f. Disponível em <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/17181/1/PSO%20-%20Leni%20B%20Lanza.pdf>> Acesso em: 04 out. 2017.

LOPES, M. J. M.; LEAL, S. M. C. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. **Cadernos Pagu** (24), janeiro-junho de 2005, pp.105-125. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a06.pdf>> Acesso em: 24 abr. 2017.

MACHADO, M. H. et al. Aspectos gerais da formação da enfermagem: o perfil da formação dos enfermeiros, técnicos e auxiliares. **Enfermagem em Foco** 2016; 6 (2/4): 15-34. Disponível em <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/687/297>> Acesso em 24 mar. 2017.

MAURÍCIO, L. F. S.; MARCOLAN, J. F. O ser masculino em sofrimento psíquico no curso de enfermagem. **Revista de Enfermagem da UFPE** online, Recife, 10(Supl. 6):4845-53, dez., 2016. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=30043&indexSearch=ID>> Acesso em: 03 out. 2017.

MOURA, A. F. **Ser enfermeiro/técnico de enfermagem num contexto de uma profissão predominantemente feminina**. Trabalho de pesquisa (Programa de Iniciação Científica) – Escola de Enfermagem Wenceslau Braz, 92 p. Itajubá, 2012. Disponível em <<http://www.eewb.br/biblioteca/trabalhos/iniciacao-cientifica-2012/SER-ENFERMEIRO-TECNICO-DE-ENFERMAGEM-NUM-CONTEXTO-DE-UMA-PROFISSAO-PREDOMINANTEMENTE-FEMININA.pdf>> Acesso em: 22 mai. 2016.

MUROYA, R. L.; AUAD D.; BRÊTAS J. R. S. Representações de gênero nas relações estudante de enfermagem e cliente: contribuições ao processo de ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília 2011 jan-fev; 64(1): 114-22. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n1/v64n1a17.pdf>> Acesso em: 24 de abr. 2017.

OJEDA, B. S. et al. Saberes e verdades acerca da enfermagem: discursos de alunos ingressantes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília 2008 jan-fev; 61(1): 78-

84. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n1/12.pdf>> Acesso em: 24 de abr. 2017.

PASSOS, E. **De anjos a mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras**. 2nd ed. Salvador: EDUFBA, 2012, 198p. p. 18. Disponível em <<http://static.scielo.org/scielobooks/mnhy2/pdf/passos-9788523211752.pdf>> Acesso em: 22 mai. 2016.

PEREIRA, P. F. **Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional**. Dissertação (Pós graduação em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 104 p. Porto Alegre, 2008. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000639229&loc=2008&l=da175dc84cdf3>> Acesso em: 22 mai. 2016.

SAMPAIO, L. R. L. et al. Influência do gênero do profissional na periodicidade do exame papanicolau. **RBPS**, Fortaleza, 23(2): 181-187, abr./jun., 2010. Disponível em <http://www.unifor.br/images/pdfs/rbps/artigo11_2010.2.pdf> Acesso em: 03 out. 2017.

SANTOS, B. P. et al. Ensino de enfermagem no Brasil: do advento do sistema nightingale ao cenário científico. Hist. Enf. **Revista Eletrônica (here)**. 2014 ago/dez; 5(2): 310-322. Disponível em <<http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol5num2artigo21.pdf>> Acesso em: 28 set. 2017.

SANTOS R. M. et al. La inserción masculina em la Enfermería: ¿qué se ha escrito sobre esta cuestión?. **Cultura de los cuidados** - 2º Cuatrimestre 2017 • Año XXI - N.º 48. Disponível em <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/69278/1/CultCuid_48_24.pdf> Acesso em: 20 set. 2017.

SILVA, H. L. L. Percepções de um acadêmico de enfermagem no exame citopatológico do colo do útero. **Revista Eletrônica Estácio Saúde** - Volume 6, Número 1, 2017. Disponível em <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/saudesantacatarina/article/viewFile/3647/1568>> Acesso em: 03 out. 2017.

SOARES, C. B. et al. Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP** 2014; 48(2):335-45 www.ee.usp.br/reeusp. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48n2/pt_0080-6234-reeusp-48-02-335.pdf> Acesso em: 03 out. 2017.

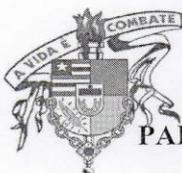
SOUZA, L. L. et al. Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes. **Ciências & Cognição** 2014; Vol. 19(2), p. 218-232. Disponível em <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/908/pdf_13> Acesso em: 23 jul. 2016.

SOUZA, L. L.; PERES, W. S.; ARAÚJO, D. B. Problematizações de gêneros no campo da enfermagem: diálogos com feminismos e a teoria queer. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 7, n. 13, jul./dez. 2015. Disponível em <<http://fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/690/604>> Acesso em: 28 set. 2017.

VITORINO, D. F. P.; HERTEL, V. L.; SIMÕES, I. A. R. Percepção de moradores de uma cidade de Minas Gerais sobre o profissional de enfermagem do gênero masculino. remE – **Revista Mineira de Enfermagem**.;16(4): 528-537, out./dez., 2012. Disponível em <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/558>> Acesso em: 23 jul. 2016.

ANEXOS

ANEXO 01 – Parecer do Colegiado de Curso – Projeto TCC



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CCBS – CURSO DE ENFERMAGEM
PARECER DO COLEGIADO DE CURSO - PROJETO DE TCC

1. **TÍTULO:** O ENFERMEIRO NO EXERCÍCIO DE UMA PROFISSÃO PREDOMINANTEMENTE FEMININA: uma revisão integrativa.
2. **ALUNO:** JACKSON DIEGO FERREIRA SILVA
3. **ORIENTADORA:** PROFA. DRA. CLÁUDIA TERESA FRIAS RIOS
4. **INTRODUÇÃO/ JUSTIFICATIVA:** A introdução apresenta-se objetiva, pertinente com a temática, apontando a problematização do estudo.
5. **OBJETIVO:** Adequado.
6. **PROCESSO METODOLÓGICO:** Apresenta descrição clara do tipo de estudo e metodologia proposta.
7. **CRONOGRAMA:** Pertinente.
8. **TERMO DE CONSENTIMENTO:** Dispensado.
9. **NORMATIZAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA:** Adequada.
10. **CONCLUSÃO DO PARECER:** Estudo relevante, sendo de parecer favorável a sua execução.

São Luís, 27 de setembro de 2017.

Lúcia Dora C. Silva

Professora Relatora

- Aprovado pelo Colegiado de Curso em reunião do dia 04 / 10 / 2017.
- Aprovado “ad referendum” do Colegiado de Curso em ___ / ___ / ___.
- Referendado pelo Colegiado de Curso em reunião do dia ___ / ___ / ___.

Lena Maria Barrós Fonseca

Prof^ª Dr^ª Lena Maria Barrós Fonseca
Coordenadora do Curso de Enfermagem